

**MEMORIAL DO COLÉGIO MANOEL RIBAS: ENSINO, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO****MANOEL RIBAS COLLEGE MEMORIAL: TEACHING, HISTORY AND HERITAGE**

Resumo: O Memorial do Colégio Manoel Ribas, criado no final da década de 1990, é uma unidade ligada ao Colégio Estadual Manoel Ribas - Santa Maria/RS. Ele possui um acervo composto de documentos escritos, fotografias, jornais estudantis, mobiliários, indumentárias, símbolos, maquinários, livros, entre outros artefatos que contém informações sobre a história escolar em diferentes tempos. Este texto tem como objetivo demonstrar a relevância e as potencialidades do Memorial, enquanto ferramenta e recurso pedagógico, para a produção do conhecimento e o ensino da história, a partir de uma análise do potencial pedagógico dos documentos do acervo, procurando recuperar as dimensões de vivências e as memórias dos alunos do Colégio, enfatizando a historicidade, a autoestima, a cidadania e identidade cultural do Colégio, dos estudantes e comunidade escolar. O museu é o “lugar de memória” e deve ser compreendido como espaço de reflexão, ensino e produção de conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de História. Memorial do Colégio Manoel Ribas. Patrimônio escolar

Abstract: The Manoel Ribas College Memorial was created in the late 1990s, and nowadays it is a unit linked to Colégio Estadual Manoel Ribas - Santa Maria/RS. The has a collection composed of written documents, photographs, student newspapers, furniture, clothing, symbols, machinery, books, among other artifacts which contains information about the college history at different times. Thus, this text aims to demonstrate the relevance and potential of the Memorial, as a tool and pedagogical resource, for the knowledge production and the history teaching, based on an analysis of the pedagogical potential of the collection of documents, trying to recover the experiences and memories dimensions (remembrances) of the students of the College, highlighting both the historicity, self-esteem, citizenship and cultural identity of the College, as well as the students and the school community. The museu are “memory places” and they should be understood as a space designed for reflection, teaching and knowledge production.

Keywords: History Teaching, Manoel Ribas College, Memorial, School Cultural-Heritage

Maria Helena Nascimento Romero
Mestra em Patrimônio Cultural
pela Universidade Federal de
Santa Maria/RS,
romeromariahelena@gmail.com

Introdução: Sobre o Memorial do Colégio Manoel Ribas

O Memorial do Colégio Manoel Ribas¹, criado no final da década de 1990, é uma unidade ligada ao Colégio Estadual Manoel Ribas/Santa Maria, instituição pública de Ensino Médio mantido pelo Estado do Rio Grande do Sul. O Memorial possui um acervo composto de documentos escritos, fotografias, jornais estudantis, mobiliários, indumentárias, símbolos, maquinários, livros, entre outros artefatos que contém informações sobre a história escolar em diferentes tempos. O Memorial do Maneco, como é conhecido, é cadastrado no Sistema Municipal de Museus de Santa Maria (SMMSM). No espaço do Memorial já foram realizadas mostras e exposições, palestras, oficinas e ações educativas, voltadas para estudantes de diferentes instituições de ensino e comunidade santa-mariense.

Este texto tem como objetivo demonstrar a relevância e as potencialidades do Memorial, enquanto ferramenta e recurso pedagógico, para a produção do conhecimento e o ensino da história, a partir de uma análise do potencial pedagógico dos documentos do acervo, procurando recuperar as dimensões de vivências e as memórias (recordações e lembranças) dos alunos do Colégio, enfatizando a historicidade, a autoestima, a cidadania e identidade cultural do Colégio, dos estudantes e comunidade escolar. E, por outro lado, ao participar dessa atividade, espera-se que os jovens se percebam como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer, preservar e valorizar o patrimônio que lhes pertence, pois, o museu e o conjunto de elementos que compõem seu acervo são os “lugares de memória” e compreendidos como espaços de reflexão, ensino e produção de conhecimento.

Atualmente, o tema referente à Educação Patrimonial e a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural das escolas está cada vez mais presente nos debates e nas ações de Instituições de ensino públicas e privadas. Tal tarefa envolve atividades lúdicas ampliando o conhecimento do passado e das relações sociais e as formas de preservação desse passado (Bittencourt, 2004, p. 277). Esta nova postura das escolas e dos professores tem contribuído para a (re) descoberta da história institucional, fortalecendo os vínculos e a identidade da sociedade com suas instituições. O ensino patrimonial tem como objetivo principal

¹ O acervo documental do Memorial gerou nossa dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e, posteriormente, o ingresso no doutorado no PPGH na mesma instituição, devido a significativa documentação encontrada no Memorial. Atualmente nossa pesquisa é sobre a educação pública estadual dos anos de 1950 a 1970, sob a orientação da professora Dr. Marta Rosa Borin.

conscientizar sobre a importância que o Patrimônio Cultural possui para as novas gerações, principalmente no que se refere à formação de uma memória social local e regional, sem exclusões e discriminações. Concomitantemente, a Educação Patrimonial, a pesquisa e a produção do conhecimento, estão entre as funções e objetivos do Museu a divulgação, pois, o conhecimento sobre um bem cultural, agrega sentido a sua preservação (Chagas, 2003, p. 25).

Recentemente a direção escolar inovou mais uma vez, e ampliou o Memorial, criando o Arquivo Documental, espaço onde está sendo organizado o acervo documental da Escola. O arquivo escolar se constituiu, segundo Mogarro (2006) no núcleo duro da informação sobre a instituição. Os documentos escolares que nos auxiliam a pensar o perfil do estudante, da escola e do ensino é, em geral, o Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar, Calendário Escolar, Atas de matrículas, Atas de posse de professores e funcionários, Atas com Resultados de Avaliações, Diários de Classe, Livro Ponto e imagens do cotidiano escolar. A autora considera que as escolas são estruturas complexas, espaços onde acontecem as contradições do sistema educativo, possuem história e identidade própria, e seus arquivos “refletem a vida da instituição que os produziu”, representam um importante papel na “construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola”, a partir deles é “possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição e das pessoas a ela ligadas” (MOGARRO, 2006, p. 72).

A configuração da identidade histórica e institucional passa pelo arquivo, enquanto repositório do processo de “escrituração da escola” é nele que se encontra a “unidade, a coerência e a consistência para validar as memórias individuais ou os objetos isolados produzidos pela escola”, estabelecendo-se o necessário diálogo entre as diferentes fontes numa perspectiva de complementaridade e articulação entre eles (MOGARRO, 2006). Nesse sentido, Silva (2020, p. 200) acrescenta que no processo de levantamento sistemático de espólios escolares, na maioria das vezes, é necessário limpeza e organização prévia de forma que se estabeleçam o quadro temporal e a origem dos artefatos.

De acordo com Felgueira (2011) o Patrimônio Educativo, representados pelos seus artefatos é essencial para uma narrativa do passado, pois neles estão condensadas as memórias e afetos como um legado a transmitir a consciência de sua importância. E, no que diz respeito a preservação deste acervo, Silva (2020, p. 205) constatou que no Brasil a preservação do patrimônio artístico, histórico e cultural tem sido marcada pela excepcionalidade, sendo mais comum o tombamento e a preservação de edifícios escolares, do que a preocupação com a

memória da educação nos mobiliários, diários de classe, livros, cadernos, sendo difícil até mesmo de encontra-los e, “quando encontrados, estão em situação crítica de estado de conservação, o que indica que nem toda herança do passado possui o mesmo valor e a mesma relevância atribuídos socialmente” (SILVA, 2020, p.208). As autoras acima concordam que o Patrimônio Educativo não tem sido, muitas vezes, apreendido como tendo valor (histórico, social ou didático), sendo então desprezada uma memória coletiva sobre a educação.

2 Colégio Estadual Manoel Ribas/SM: patrimônio ferroviário

O Colégio Estadual Manoel Ribas, localizado no centro da cidade de Santa Maria/RS, também conhecido carinhosamente como “Colégio Maneco”, está abrigado no edifício que pertenceu a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul - CCEVFRGS até 1977, quando passou a fazer parte do patrimônio do estado. Entre os anos de 1997 e 1998 o prédio, inaugurado em 1930, passa por restauração e, no ano 2000 é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE². O Colégio Maneco tem suas origens ligadas à Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha, criada no ano de 1921, para atender as meninas, filhas dos empregados da Cooperativa.

Figura 1 - A Escola de Artes e Ofícios “Santa Terezinha” em construção, 1929.



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas, Santa Maria, 2022.

² O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado é uma Divisão da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), cuja responsabilidade é a identificação, cadastramento, fiscalização e promoção de ações de preservação do Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Durante o período de sua fundação em 1921 até a sua extinção em 1942, a escola feminina contabilizou mais de onze mil matrículas de alunas, entre internas e externas. Com a extinção da Escola feminina o Estado cria em 1943, a Escola Artesanal Dr. Cilon Rosa, recebe o Grupo Escolar João Belém e finalmente em 1953 o Colégio Manoel Ribas. O Maneco ofereceu os Cursos Ginásio, Científico e Clássico, chegando a ter mais de quatro mil alunos que também se dedicavam a Banda Marcial Manoel Ribas, criada em 1956, sendo que somente a partir do ano de 1974 passa a ocupar sozinho o prédio (Romero, 2019).

O Colégio Manoel Ribas, desde sua fundação em 1953, tornou-se muito requisitado por alunos da cidade de Santa Maria e do interior do Estado, por apresentar boa estrutura física e qualidade de ensino. Conquistar uma vaga, bastante disputada, no Maneco, era sinônimo de prestígio social na cidade. O Colégio Maneco durante estes quase 70 anos tem atuado na vida cultural, social e política da cidade e região. Enquanto instituição de ensino, o “Maneco”, cumpre até hoje sua função socioeducativa, é referência no setor educacional no Estado e, nos últimos tempos também, disponibiliza à comunidade escolar e à sociedade um espaço de preservação da memória escolar e da história da cidade de Santa Maria/RS (Romero, 2019).

Figura 2 - Colégio Estadual Manoel Ribas, década de 1970.



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas, Santa Maria, 2022.

Fundador e primeiro diretor do Colégio Manoel Ribas, o Pe. Rômulo Zanchi, pertenceu a Ordem dos Palotinos. O Pe. Rômulo atuou na gestão do Colégio durante os anos de 1953 a 1963.

3 O Museu como espaço formativo, social e de ensino de História

O Museu é um lugar de possibilidades, formativas e educativas, superando-se assim, a antiga noção de espaço passivo, de acúmulos de objetos para então, assumir uma função interpretativa da cultura, da memória, na educação e no fortalecimento da democracia. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM³) define os Museus como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (IBRAM, 2018, p. 13,17).

Durante as décadas 1970/80 cresce e se consolida a ideia do museu como um local com especificidades e formas próprias de desenvolver sua dimensão educativa (MARANDINO, 2008, p. 11,12). Atualmente, já não existem dúvidas que os museus sejam importantes espaços de socialização, debates e trocas de saberes e experiências, onde se “constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social” (PINHEIRO, 2015, p. 58). Tanto que em 2001, o estatuto do ICOM⁴ em sua definição do conceito de Museus, destaca seu caráter educativo:

Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade (IBRAM, 2018, p.13).

Nesse sentido, em pesquisa divulgada pelo Caderno da Política Nacional de Educação Museal, o IBRAM volta a tratar do tema da educação, e afirma a necessidade de ações educativas nos espaços dos museus:

O amadurecimento dos museus e a crescente conscientização acerca da importância de sua função social têm se traduzido na valorização de sua natureza educativa. O Ibram acredita ser fundamental que cada vez mais instituições voltem suas atenções para as potencialidades da educação em museus, indispensável na mediação com os públicos e suas memórias (IBRAM, 2018, p.7).

³ O Instituto Brasileiro de Museus é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, órgão gestor da Política Nacional de Museus.

⁴ Conselho Internacional de Museus é uma organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, que se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus.

No Brasil, conforme Alves (2016) as experiências educativas em museus escolares não têm tradição e ainda, não são valorizadas, como deveria ser, como alternativa para inovar e facilitar a aprendizagem, como tem sido o caso da informática, por exemplo. No entanto, sabe-se que os museus escolares compõem e estão inseridos na cultura escolar de são “considerados guardiões da cultura material do estabelecimento de ensino” (Alves, 2016, p. 138-141). Destaca a autora que os museus escolares devem ser pensados sob a ótica dos direitos culturais e em consonância com a Constituição Federal de 1988, em seu Art.216 afirma que é direito de todo cidadão brasileiro o acesso aos bens culturais “portadores de referência à identidade, à ação, à memória” (Brasil, 2003).

Paulette Mcmanus (2013) enfatiza o museu como espaço de aprendizado não formal, e afirma que a educação formal é posterior ao conhecimento adquirido em ambientes não escolares. Para a autora, hoje está consolidada a noção de que é prerrogativa humana para se alcançar um desenvolvimento adequado e normal, ter acesso ao aprendizado em espaços não formal de conhecimento. No entender da escritora, no sistema formal de ensino, a criança quando inicia sua aprendizagem não escolhe o que quer estudar, é a escola que define. O museu é um espaço para onde, hoje podemos trazer o nosso próprio conhecimento e escolhermos aprendermos com o que está lá. Para Mcmanus (2013, p.22) é nos ambientes informais que, ao longo de nossa trajetória de vida, aprendemos a maioria das coisas, e o museu é um espaço onde se pode ter a livre opção de se chegar lá e aprender.

No Brasil, os primeiros museus, surgem no início do século XX, voltados a coletar, catalogar e estudar os vários elementos do mundo natural e cultural do país. Com o tempo, os pesquisadores passam a organizar encontros, seminários e outros eventos para debater o tema da Educação em Museus. Entre os encontros, já em 1958, no Seminário Regional Latino-Americano da UNESCO⁵, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, se refletiu sobre o papel educativo dos Museus. Com a Mesa- Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e a influência das ideias e teorias de Paulo Freire sobre a educação como prática de liberdade e conscientização, e as ações dentro do museu como ferramentas de construção da identidade e de cidadania. A partir destes e outros encontros de estudos, o tema da educação nos museus começa a consolidar-se no Brasil e no mundo e o conceito de museu passa a ser visto de forma

⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

mais ampla e como espaço importante na educação escolar “compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola” (IBRAM, 2018, p.13).

De acordo com Marandino (2008) com esta virada na concepção e na visão do valor das funções educativas dos museus, eles se tornam locais reconhecidamente com especificidade e forma própria de desenvolver sua dimensão educativa, “identificados como espaços de educação não formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das [...] informais, [...] no âmbito da família” (Marandino, 2008, p. 11,12). Neste sentido, Pinheiro (2015) pontua a importante função social do Museu:

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; [...]; lugares educativos, que se constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, [...]. Os museus, enquanto equipamentos culturais devem estar a serviço do conhecimento, da melhora da qualidade de vida das pessoas (PINHEIRO, 2015, p. 58).

O museu sendo visto como espaço de enriquecimento das relações sociais foi ao longo do século XX se consolidando e, principalmente, com os debates suscitados pela Nova Museologia, nas décadas de 1970/80, se “fortaleceu a visão dos museus, enquanto instrumento de ação social transformadora e se fortaleceu, também, a importância das exposições e das ações educacionais como veículos dessa transformação” (Marandino, 2008, p. 8,10). Para Sander (2006) as discussões promovidas pela Nova Museologia auxiliaram a superar a antiga ideia do Museu como um “local de coisas velhas”. É então valorizada sua função de socialização, de ensino-aprendizagem e de diálogo com o passado. No entender do autor é preciso criar mais vínculos entre escola e museus, pois o caráter pedagógico dos museus reside nas suas possibilidades educativas, que precisam dialogar com os espaços de educação formal (Sander, 2006, p. 6).

O museu enquanto espaço de transmissão, produção de pesquisas e de conhecimento, conforme pontua Pacheco (2010, p. 149), também deve construir “proposta de uma exposição museológica que rompa com a ideia de transmissão do conhecimento acabado e recepção

passiva da mensagem por parte do visitante”. Para esta exposição utilizar “uma rigorosidade metódica, uma ação pensada para além do diretivismo, para a dialogicidade”.

Já Paulette Mcmanus (2013), nos apresenta importantes reflexões sobre a importância do museu como espaço de aprendizado não formal, e considera que nele o estudante pode escolher o que quer estudar. Focaliza, também que é nos ambientes informais que aprendemos a maioria das coisas no percurso da nossa vida. Acredita que “o museu deve ser percebido como um lugar onde é possível se ter a livre opção de se chegar lá e aprender”. Destaca que a educação informal é fundamental para a formação e crescimento pessoal, ela contribui para “as pessoas pensar, traz autonomia e faz com que tenham uma compreensão do todo” (MCMANUS, 2013, p. 23,24). Nessa mesma perspectiva, Aurea Pinheiro (2015) acrescenta que além dos museus possuírem atribuição formativa, eles também são dotados de função social. Conforme explica a professora:

Se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; [...] lugares educativos, que se constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, [...]. Os museus, enquanto equipamentos culturais devem estar a serviço do conhecimento, da melhora da qualidade de vida das pessoas (PINHEIRO, 2015, p. 58).

Quanto ao seu papel educativo, foi a partir das discussões promovidas pela Nova Museologia, nas décadas de 1970/80, que ganhou sentido e destaque as pesquisas que apresentavam o museu como lugar onde se desenvolve o ensino e a educação, bem como sua relação/aproximação com o público visitante. Estas pesquisas vieram a contribuir para romper e superar antigas referências aos museus apenas como depósito de coisas velhas, sem nenhum significado para a vida prática. De acordo com Chagas (2003), os Museus, e incluímos os Memoriais, são entendidos, para além de espaços de visitas e construção de conhecimento, mas também como lugar de lazer, divertimento, diálogo e reflexão crítica.

Dentro dessa nova perspectiva é possível que a velha concepção de museu, como uma extensão apenas da educação formal, seja superada, e, desconstruído o imaginário social negativo que possa haver entre os jovens. Frente a isso, espera-se que os visitantes, ao se apropriarem dos significados das peças, dos objetos e dados expostos, percebam que muito deste acervo têm relação direta com o seu cotidiano e vida estudantil, de seus familiares, vizinhos e amigos, que ali estão as memórias coletivas, a partir das quais o aluno pode se

identificar. Chagas (2003) acredita que a sociedade está percebendo o valor social do museu e vendo neles “espaço onde novas descobertas, e reflexões podem acontecer, estimulando inclusive a criatividade e ampliando as visões de mundo, [...] a potencialidade de comunicação e sua influência como instrumento social” (Chagas, 2003, p.53).

Conforme explica Pacheco (2010), os museus, o campo do patrimônio e a memória institucional, são espaços onde os historiadores podem atuar, no entanto não devem se limitar a articular um discurso teórico e tecnicamente coerente sobre o passado. Faz-se necessário que “essa versão também esteja articulada com as versões e demandas que as comunidades desejam legitimar sobre o seu passado, sobre a memória que desejam para si”. Ou seja, o historiador que trabalha com a memória institucional tem diante de si um duplo desafio, qual seja: “falar do passado, explicitando os conflitos e as disputas que nele se encontram, ao mesmo tempo em que se forma uma identidade positiva para a comunidade retratada” (Pacheco, 2010, p. 146).

Quando se refere ao ensino nos museus, Ramos (2004) afirma que eles são importantes espaços para o ensino de história e também com a Educação Patrimonial. Propõe que o ensino seja trabalhado a partir de um “objeto gerador”, baseado na teoria da “palavra geradora”. Esta ideia foi elaborada, primeiramente por Paulo Freire, autor que desenvolveu, desta forma, uma pedagogia do diálogo com os visitantes. É fundamental, argumenta Ramos (2004), o exercício de um olhar crítico sobre o objeto enquanto patrimônio, pois o desafio em uma exposição é que ela não seja vista apenas como se olha uma vitrine. É “necessário criar movimentos de alfabetização do olhar” (Ramos, 2004, p. 70). É a alfabetização museológica, ou seja, alfabetizar a partir do acervo do museu, exposições e objetos, relacionando-os ao cotidiano do visitante:

[...] alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, [...], o professor [...] faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos [...], e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura através dos objetos selecionados (RAMOS, 2004, p. 32).

Portanto, com o olhar posto nos objetos e a partir deles, pode-se revisitar a história, o acontecido, percebendo, assim, a função dele dentro do museu, pois “a noção de historicidade começa a ser trabalhada de modo mais direto: entra em jogo a questão da história como campo de possibilidades” (Ramos, 2004, p. 35). Neste cenário, chamado de museu, os objetos que estão sendo apresentados e estudados, mesmo que não sejam mais de uso atual, contêm em si a memória, e podem promover diálogos revelando a historicidade destes. Assim, entende-se que

é fundamental contextualizar o objeto ao apresentá-lo aos visitantes, “ao trabalhar com os objetos através de problemáticas históricas, o museu abre um infindável campo de possibilidades. [...] os exercícios com os objetos geradores definem-se como formas de estudar a historicidade (Ramos, 2004, 38).

A respeito do patrimônio histórico musealizado, para Pacheco (2010, p. 2), eles possuem como objetivo “provocar a percepção do efeito da dimensão temporal nas relações sociais” e ainda nos ajudam a perceber e identificar as diferentes culturas do passado, como explica o autor, “os objetos museais tornam-se, simultaneamente, materialidade do processo histórico particular de cada comunidade e elo desta com os grandes blocos culturais”. Existem duas questões que o historiador que trabalha com o passado deve considerar, no entender do autor: a primeira está no fato de “produzir o discurso sobre o passado” e a segunda de que ele deve “promover a reflexão sobre a experiência humana no tempo, utilizando-se, portanto, das diferentes linguagens”. Assim, entende-se, que nos museus de história, no nosso caso, museu escolar podemos “construir discursos sobre o passado das comunidades ali retratadas, passíveis de serem reelaborados e resinificados pelos visitantes. Dessa forma, os espaços de memória podem e devem planejar e desenvolver ações educativas que explorem os significados dos objetos expostos como forma de qualificar sua função social de guarda, pesquisa e divulgação da memória social, sempre buscando problematizar “o discurso histórico dominante e procurar ver para além do discurso oficial, oferecendo exposições mais interativas e menos diretivas” (Pacheco, 2010, p. 152).

Este artigo busca, também, destacar a necessidade e as possibilidades de preservação do patrimônio tendo a educação como um componente constitutivo de avaliação e salvaguarda da memória, acionado os benefícios educacionais para a criação de pensamento crítico a respeito da construção patrimonial, assim como seu entendimento e preservação. A preservação do patrimônio nasce da necessidade da criação de espaços de memória que Nora (1993, p.13) chama de “os marcos testemunhas de outra era”, que guardem a memória e ao mesmo tempo mantém sua salvaguarda. Esses lugares são criados e mantidos pelas instituições, como os museus, arquivos, monumentos, entre outros lugares de memória que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar [...]” (Nora, 1993, p.13).

O Patrimônio Histórico Cultural, expressa o valor histórico de um grupo, ele guarda a memória dos mesmos, através de seus bens, que podem ser materiais (tangíveis) ou imateriais (intangíveis). Esses bens ligam as pessoas aos seus antepassados, preservando a memória, a

história e a identidade de tal grupo. Por isso, é fundamental a salvaguarda (proteção) desses bens, é eles que asseguram a “continuidade, divulgação e preservação, com a intenção de assegurar, para as gerações futuras, conhecer o passado, as tradições, a história, os costumes, a cultura, a identidade de seu povo” (Borin; José, 2016, p. 24). Dessa forma, “as atividades educativas que o museu oferece ao público têm por objetivo aproximar a comunidade mediante atividades pedagógicas lúdicas e de interesse coletivo” (Borin; José, 2016, p. 19).

4 Memorial do Colégio Manoel Ribas: Ensino, História e Patrimônio

O processo de criação do Memorial do Colégio Manoel Ribas começou no final da década de 1990, após a restauração do prédio do Colégio, aos poucos foi se reunindo os objetos que iriam compor o acervo, resultado de doações de alunos, professores, funcionários e comunidade local. O Memorial está instalado no sótão, onde divide o espaço com a biblioteca.

O Memorial foi criado para recuperar, guardar e divulgar a história escolar, cujo acervo é, especialmente, relacionado à educação de diferentes épocas e possui forte potencial para pesquisa, ensino e educação patrimonial. O espaço comporta uma exposição de objetos que nos ajudam a refletir sobre os saberes e o cotidiano escolar no passado; ele é importante para a história não só da comunidade escolar, mas igualmente da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e da cidade de Santa Maria. A instituição cumpre um relevante papel à escola a qual está vinculado, não apenas do ponto de vista educacional, mas, sobretudo, do ponto de vista social, na medida em que organiza e disponibiliza para a sociedade santa-mariense os testemunhos de sua história, pois a origem da Escola está relacionada a um segmento social de importante significado para a história do Estado: as famílias dos funcionários da Viação Férrea do Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 3 - Interior do Memorial do Colégio Manoel Ribas, 2003.



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas, Santa Maria, 2022.

Dessa forma, é oportunizado à comunidade escolar: estudantes, professores, funcionários, pais de alunos e a comunidade do seu entorno, conhecer a trajetória da escola, suas conquistas e seu papel junto a sociedade local e regional, não permitindo que sua história fique no esquecimento. Este também é um importante espaço de pesquisas acadêmicas e de produção de conhecimento pelos estudantes da própria escola.

Já advertia Nora (1993) que não há memória espontânea, os lugares de memória nascem da necessidade de grupos sociais, que é preciso criar mecanismos que nos leve a lembrar como os arquivos, os aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. De acordo com Nora: “a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos, [...] ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento [...]”. A edificação de “lugares de memória”, como explica o autor:

Os lugares de Memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso que a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levantar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993 p. 9-13).

O Memorial como espaço da história estudantil de Santa Maria, é “lugar de memória”, que guarda o passado da escola e serve de elo entre o presente e o passado, cujos documentos escritos e fotografias revelam o cotidiano e a cultura educacional de diferentes épocas. Preservar e conservar esta história e memórias deve ser um compromisso do Colégio, como administrador direto do Memorial, pois, os alunos têm o direito social de conhecer o passado de sua escola, patrimônio da sociedade santa-mariense. Neste sentido, para Borin (2016), o patrimônio histórico-cultural expressa o valor histórico de um grupo, na medida em que ele preserva a memória dos mesmos, através de seus bens, que podem ser materiais (tangíveis) ou imateriais (intangíveis), os quais ligam as pessoas aos seus antepassados, preservando sua memória, história e identidade. E uma das formas de garantir a preservação da memória é preservando-a a fim de assegurar para as gerações futuras, o conhecimento sobre o passado, as tradições, a história, os costumes, a cultura e a identidade (BORIN, 2016, p. 24).

O Memorial, como um “lugar de memória”, produz sentidos e cria vínculos com a história dos que por aqui passaram, ele está na memória destas pessoas (FONSECA, 2005, p.115). Neste caso, nos primórdios da Escola, as filhas de ferroviários e suas famílias, e na história mais recente, os jovens estudantes que participaram da Banda Marcial do Manoel Ribas e outros que se destacaram na vida pública do país. Estes lugares de memória, como argumenta Pollak (1992) está ligado a lembranças marcantes e elas permanecem muito forte na memória das pessoas. No entanto, entende Fonseca (2009, p.65-66), que são necessárias constantes políticas públicas no sentido de esclarecer a sociedade para que ela tenha uma noção mais ampla de Patrimônio Cultural. Os valores culturais não são inerentes ao bem, mas são atribuídos a eles, que passam por um “processo de produção, de reprodução, de apropriação e de reelaboração desses valores enquanto processo de produção simbólica enquanto prática social”. A autora lembra ainda, que no caso de bens tombados, para que se tenha um bom resultado, são necessárias ações e políticas públicas de valorização deste bem (Fonseca, 2005, p.115).

Frente a isso, fica perceptível a necessidade de promovermos a aproximação do ensino, da educação com o Patrimônio Cultural, mesmo que tenhamos a consciência de que o último faz parte da escola e do museu, mas para que esse saber se torne realidade no estudante, precisamos dar sentido e visibilidade a esse patrimônio, trazendo-o para a sala de aula, levando o aluno ao Memorial, e criando bases para reflexões, pois sem isso ele não exprime nenhum significado ou sentidos. Neste sentido argumenta Pinheiro (2015) que é necessário criarmos laços entre patrimônio e educação:

Acreditamos nas interfaces entre patrimônio cultural e educação. Mas como mediar um processo educativo que permita a atribuição de sentidos aos patrimônios? Por meio de processos de conhecimento [...]. É preciso informar e formar, permitir que se traduza a realidade, que se reflita sobre o ato de conhecer, perceber nossos erros, [...]; entender que o conhecimento é uma tradução e não reflexo da realidade, que nos permite a reconstrução [...], construir discursos sobre a realidade, tensa e conflituosa. [...] é compreender a nossa condição humana, compreender a diversidade de explicações, sobretudo, compreendermos uns aos outros, realizar a comunicação humana, colocar-se no lugar do outro, uma difícil tarefa em uma sociedade individualista, que não percebe a existência do outro, que o rejeita e o reduz ao nada [...] (PINHEIRO, 2015, p. 57).

Portanto, a partir do cenário teórico exposto acima e para que o acervo que faz parte do Memorial se torne real ao estudante, tenha sentido foi necessário dar visibilidade a este patrimônio, promovendo relações entre ele e a educação. Para alcançarmos tal o objetivo realizamos atividades educativas com os discentes do Colégio, a partir do acervo do Memorial.

As atividades foram feitas ao longo dos anos de 2016 a 2019, pois com o advento da Pandemia da Covid 19, a mantenedora não apenas mandou fechar suas portas, como não ofereceu a necessária manutenção do acervo. Para além das visitas guiadas que aconteciam ao longo do ano letivo, orientamos alunos nas pesquisas no acervo e na divulgação destas em eventos internos e externos, ademais de participarmos pessoalmente em eventos acadêmicos divulgando nossas pesquisas.

Assim, a seguir apresentamos alguns dos projetos desenvolvidos com estudantes do Colégio Maneco, a saber: (1) O Projeto “Memórias e histórias do Memorial do Maneco”. Realizamos entrevistas com egressos, que nos narraram suas experiências e vivências no Colégio, neste caso estudante, professor ou funcionário. Desta forma buscamos salvaguardar a história, de diferentes épocas, da instituição. Estas entrevistas estão no arquivo da escola e disponíveis para futuras pesquisas; (2) Participação com alunos na *Mostra Cultural* (evento tradicional da instituição e que faz parte do planejamento anual do Colégio). No ano de 2018 orientamos dois grupos de alunos, que apresentaram na Mostra Cultural a temática do Patrimônio Cultural, são eles: (1) *Maneco: Uma História* – com a participação de três alunos do terceiro ano; e (2) *Lendas Urbanas*, com um grupo de quatro estudantes do segundo ano. E, neste mesmo ano em outro evento chamado de (3) Feira de Ciências, com duas estudantes da EJA apresentamos, através da fotografia um pouco da evolução histórica das Feiras de Ciência transcorridas no Colégio ao longo dos tempos.

Participamos também, em eventos acadêmicos com apresentação de trabalhos, como na (4) *Jornada Integrada do Ensino Médio - JAI/Jovem*, evento organizado pela Universidade Federal de Santa Maria com a participação das escolas públicas e privadas da região, onde os estudantes apresentam seus trabalhos e são avaliados. Neste caso, participamos com três alunos que contaram um pouco da história da Banda Marcial Manoel Ribas, trabalho com o título: *BMMR: Banda do Maneco*, entre outros eventos que tivemos a oportunidade de acompanhar os estudantes. Criamos o (5) I Concurso Fotográfico com celular “*Maneco em Likes*”. O concurso abrange duas categorias: os alunos e professores. A modalidade temática é: “O Maneco sob o olhar do fotógrafo”. A seleção e premiação são realizadas por uma comissão julgadora de profissionais da comunicação visual da comunidade local.

Figura 4 - Logo do Concurso de Fotografia feito por ocasião do aniversário do Colégio, 2018

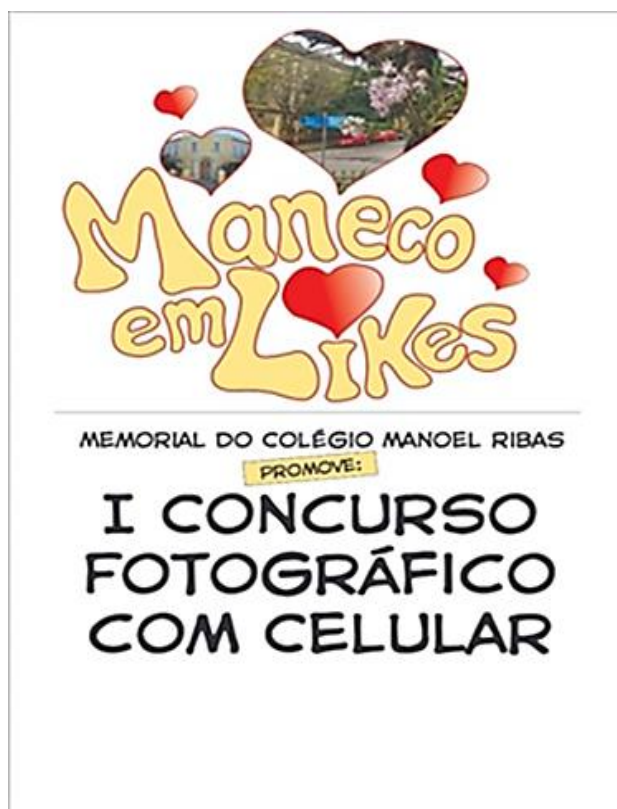


Figura 5 – Imagem do banner de trabalho apresentado pelos estudantes, 2018.



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial do Colégio Manoel Ribas, Santa Maria, 2022.

Considerações finais

Considerando o exposto acima, concluímos que é necessário e é possível reativar e manter em funcionamento os espaços de memória das instituições escolares. Igualmente retomar sua função de espaço de memórias, de ensino, de pesquisas e de produção de conhecimento entre os estudantes secundários. O acervo do Memorial se mostra bastante relevante e dá suporte e informações para pesquisas, de diferentes níveis, que nos podem desvendar a História da educação estadual e a história da educação feminina do início do século XX. Encontramos nas peças e exposições subsídios, por meio da análise e do estudo, que trazem contribuições para o desenvolvimento da autonomia e da criação de projetos pedagógicos voltados para a valorização dos bens patrimoniais da escola.

Ao articular saber e ensino, práticas e vivências, o Memorial promove outras experiências ao estudante/pesquisador. As ações e práticas desenvolvidas, tem sido pensada no sentido de aperfeiçoar e intensificar o uso do acervo do Memorial para a pesquisa e o ensino.

É importante destacar que o Memorial do Maneco cumpre um relevante papel para esta instituição pública e que ele possui potencialidades para ser um espaço de pesquisa, de produção de conhecimento e de ensino. As atividades pedagógicas desenvolvidas no Museu visam contribuir com a instituição de ensino e, ao mesmo tempo, oferecer alternativas culturais para a comunidade não escolar. Espontaneamente, o museu torna-se um espaço no qual a sociedade participa, vivencia experiências e tem oportunidades de rever sua vida social e o patrimônio passa ter um significado especial, ademais de estimular os estudantes à compreenderem e a participarem do processo de pesquisa histórica.

Referências

BORIN, Marta Rosa; JOSÉ, Viviam (Orgs.). *Educação patrimonial: ações educativas*. Tubarão: Copiart, 2016. (Programa Mais Educação).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CHAGAS, Mário de Souza. *Memória Política e Política de Memória*. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs.). *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 136-167, 2003.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. 2011. Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. *Revista Brasileira de História*. Campinas: educ. v. 11, n. 1 (25), jan./abr, p. 67-92. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38507> Acesso: 13/03/ 2022.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 59-79, 2009.

_____. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005. 2. Ed. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/166> Acesso: 13/03/ 2022.

MACMANUS, Paulette. 2013. *Educação em Museus: Pesquisas e Práticas*. In: MARANDINO, Martha; MONACO, Luciana. (Org.). São Paulo: FEUSP, p. 20-30. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wpcontent/uploads/2013/03/Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Museus-versao-web.pdf.pdf> Acesso: 13/03/ 2022.

MARANDINO, Marta (Org.). *Educação em Museus: a mediação em foco*. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/10/MediacaoemFoco.pdf> Acesso: 14/03/ 2022.

MOGARRO, Maria João. 2006. Arquivos e Educação: a construção da memória educativa. *Revista de Ciências da Educação*. SÍSIFO, n.1, Set/dez., pg. 71 – 84. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/169/177> Acesso: 8 setembro 2020.

NORA, P. 1993. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v.10, n.10, p.7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> Acesso: 13/03/ 2022.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. 2010. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 30, nº 60, p. 143-154. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/kzjDrTkL3qCWxkpX7bnwYdd/?format=pdf&lang=pt> Acesso:
14/03/ 2022.

POLLAK, Michael. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212. Disponível em:
<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>
Acesso: 13/03/ 2022.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

ROMERO, Maria Helena Nascimento. *O Memorial do Colégio Manoel Ribas: História e Patrimônio*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2019.

ROMERO, Maria Helena Nascimento. *Memorial do Colégio Manoel Ribas e o planejamento museológico*. 2017. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) -Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

SANDER, Roberto. O Museu na perspectiva da educação não formal e as tendências políticas para o campo da museologia. *Dissertação* apresentada ao Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2006.

SILVA, Cristiani Bereta. Patrimônio Educativo. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (Orgs.). *Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp, p. 205-209, 2020.

PINHEIRO, Áurea da Paz. 2015. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. Curitiba: *Educar em Revista*, n. 58, out. /dez. p. 55-67. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/NgCWh4MTJw7TfXgnkZptFcp/?lang=pt&format=pdf> Acesso:
13/03/ 2022.

Recebido em: 27/04/2022
Aprovado em: 10/10/2022



RLAH
Janeiro/Julho de 2022